

## O ROMANCE E A CULTURA DA VIOLÊNCIA

THE NOVEL AND THE CULTURE OF VIOLENCE

LE ROMAN ET LA CULTURE DE LA VIOLENCE

LA NOVELA Y LA CULTURA DE LA VIOLENCIA

**José Vicente Tavares dos Santos**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, Brasil

**RESUMO:** Qual a relação entre violência e autoritarismo na sociedade brasileira? Como se combinam autoritarismo e violência? De que modo a literatura pode expressar essa cultura da violência? Poderia uma sociologia da violência e da conflitualidade contribuir a uma explicação sociológica abrangente e complexa da sociedade brasileira? A hipótese deste artigo é que, a partir da análise de figuras literárias nos romances, podemos sugerir a existência de uma representação na sociedade contemporânea baseada na violência como norma social, sendo expressão de uma cultura da violência socialmente legitimada.

**Palavras-chave:** Brasil, sociologia da violência, literatura, autoritarismo.

**ABSTRACT:** What is the relationship between violence and authoritarianism in Brazilian society? How are authoritarianism and violence combined? How can literature express this culture of violence? Could a sociology of violence and conflict contribute to a comprehensive and complex sociological explanation of Brazilian society? The hypothesis of this paper is that, from the analysis of literary figures in the novels, we can suggest the existence of a representation in contemporary society based on violence as a social norm, being an expression of a socially legitimated culture of violence.

**Keywords:** Brazil, sociology of violence, literature, authoritarianism.

**RÉSUMÉ:** Quelle est la relation entre la violence et l'autoritarisme dans la société brésilienne? Comment l'autoritarisme et la violence se combinent-ils? Comment la littérature peut-elle exprimer cette culture de la violence? Une sociologie de la violence et des conflits pourrait-elle contribuer à une explication sociologique complète et complexe de la société brésilienne? L'hypothèse de cet article est que, sur la base de l'analyse des figures littéraires dans les romans, nous pouvons suggérer l'existence d'une représentation dans la société contemporaine basée sur la violence comme norme sociale, étant l'expression d'une culture de la violence socialement légitimée.

**Mots-clés:** Brésil, sociologie de la violence, littérature, autoritarisme.

**RESUMEN:** ¿Cuál es la relación entre la violencia y el autoritarismo en la sociedad brasileña? ¿Cómo se combinan el autoritarismo y la violencia? ¿Cómo puede la literatura expresar esta cultura de la violencia? ¿Podría una sociología de la violencia y el conflicto contribuir a una explicación sociológica completa y compleja de la sociedad brasileña? La hipótesis de este artículo es que, a partir del análisis de las figuras literarias de las novelas, podemos sugerir la existencia de una representación en la sociedad contemporánea basada en la violencia como norma social, siendo expresión de una cultura de la violencia socialmente legitimada.

**Palabras-clave:** Brasil, sociología de la violencia, literatura, autoritarismo.

## 1. Introdução: o autoritarismo brasileiro

Qual a relação entre violência e autoritarismo na sociedade brasileira? Como se combinam autoritarismo e violência? De que modo a literatura pode expressar essa cultura da violência? Poderia uma sociologia da violência e da conflitualidade contribuir a uma explicação sociológica abrangente e complexa da sociedade brasileira? A hipótese deste artigo é que, a partir da análise de figuras literárias nos romances, podemos sugerir a existência de uma representação na sociedade contemporânea baseada na violência como norma social, sendo expressão de uma cultura da violência socialmente legitimada. A sociologia do romance procura explicar a relação entre a forma e a estrutura do meio social a ser estabelecida pelo escritor, o indivíduo que consegue criar um universo imaginário, coerente, cuja estrutura corresponde àquela para a qual se orienta o grupo social no qual vive.

Encontramos a construção do objeto social em torno de uma problematização ou de um enigma social, com abrangência e detalhe, o que o credenciava como conhecimento e meio para transformar o mundo, eivado de historicidade e de uma duração temporal. Ou seja, o romance retratou, desde o começo, conflitos individuais e vida cotidiana, pois dirigindo-se ao indivíduo fora da sociedade, o romance favoreceu o tratamento de problemas reservados, de conflitos interiores. O romance passou a ser caracterizado por deslocamentos e mediações, expressando uma *mimesis* da realidade social (Auerbach, 2007). A literatura efetivava um modo de reconstrução do objeto social marcado pelo plurilinguismo, em um contorno de uma grande narrativa totalizante (Bakhtin, 1993). Em síntese, o objetivo da sociologia do romance é a reconstrução das homologias entre a sociedade e a forma romanesca. A obra do jovem Lukács buscou uma nova correlação entre literatura e sociedade, entre conteúdo e forma. Entretanto, o romance sempre será marcado pela ambiguidade (Lukács, 2000).

Na elaboração de uma sociologia do romance, Goldmann (1990) estabeleceu as múltiplas dimensões para sua explicação: a) homologia de estruturas com a liberdade individual, ou seja, um equilíbrio entre o sujeito da ação literária e o objeto social no qual ele age. O esmero do grande escritor é recriar um universo imaginário; b) o estudo sociológico, estrutural e genético. Goldmann procura transpor para a literatura dois movimentos, quais sejam a compreensão e a explicação; c) a categoria da mediação é fundamental nesta empreitada, pois se interpõe entre a vida econômica da sociedade e as criações culturais. A passagem pela *mimese* consiste em perceber a figuração da sociedade e do indivíduo, uma vez que a obra literária expressa a consciência possível; ou seja, a obra literária é a consciência de um sujeito enquanto individualização de uma complexa rede de relações entre vários indivíduos. Trata-se de estudar a correspondência entre a unidade expressa pela criação cultural, pelo artista ou pelo escritor, e a evolução da estrutura de uma determinada sociedade (Auerbach, 2007); d) o romance novecentista produziu diversas personificações do

herói problemático, desvelando a ruptura entre o herói e a sociedade. Por conseguinte, estamos diante de um mundo secular, uma espécie de epopeia trágica na qual os personagens vivenciam a finitude. A figuração literária aparece plena de complexidade e densidade, entre o social e o sujeito, entre as estruturas e a atuação dos personagens. Por consequência, tem uma dimensão crítica imanente. Podemos caracterizar o romance como a epopeia trágica, na qual a totalidade da vida não é mais evidente, como o fora nos gregos, mas que ainda apresenta uma busca de totalização, possivelmente oculta e inconclusa, mas sempre processual. Em outras palavras, em uma narrativa plena de ironia, o herói problemático é demoníaco. O herói problemático se debate entre a tarefa de tentar realizar valores e um universo social hostil (Lukács, 2000); e o romance veio a conformar uma nova sensibilidade em relação ao tempo, mesclando forma e conteúdo. Por conseguinte, torna-se possível uma sociologia do romance, ou uma estilística sociológica das vozes sociais e imaginárias (Bakhtin, 1993). Esta ruptura e dilaceramento entre o mundo contingente e o indivíduo problemático expressa-se, enfim, no romance, narrativa similar às explicações sociológicas desde o século XIX.

A sociologia tem discutido o quanto a violência tem sido difundida em períodos de autoritarismo social, desde a pesquisa de Adorno sobre a *personalidade autoritária*, nos Estados Unidos no Pós-guerra (Adorno, [1950] 2017). A pesquisa foi guiada pela seguinte hipótese:

as convicções políticas, econômicas e sociais de um indivíduo muitas vezes formam um padrão amplo e coerente, como que se estivessem ligadas por uma "mentalidade" ou "espírito", e esse padrão é expressão de tendências profundas em sua personalidade (Adorno, 2017:7).

A preocupação maior foi com o indivíduo potencialmente fascista, aquele cuja estrutura é tal que é capaz de torná-lo particularmente suscetível à propaganda antidemocrática. A *personalidade autoritária* era a combinação contraditória entre uma postura racional e idiosincrasias irracionais. A pessoa marcada por esta personalidade seria um tipo individualista e independente e uma inclinação a se submeter à autoridade. Em contraste com o fanático de velho estilo, o autoritário parece combinar as ideias e habilidades típicas da sociedade altamente industrializada com crenças irracionais ou antirracionais. Surge uma atitude de estigma frente ao outro: os judeus, os pobres, os loucos, os negros, os índios, os grupos de adolescentes. Chegamos, então, a uma primeira identificação: a cultura da violência dissemina a *personalidade autoritária* na sociedade contemporânea. Tal processo tanto ocorre nas organizações criminosas quanto nas organizações policiais, ambas valorizando a violência como meio de ordenação social e como meio de resolução de disputas.

Em segundo lugar, ainda em momentos de ausência do autoritarismo político, o autoritarismo social revelaria personagens de uma patologia social ou enfermidade

social, segundo Honneth (2009a, 2009b). Em sua obra, ele parte das experiências de desconsideração, desconhecimento, de desprezo e de injustiça. Por outro lado, reconhece os combates e as lutas sociais pelo reconhecimento. Analisa a sociedade contemporânea como movida pelas lutas visando o reconhecimento pelo outro da especificidade e da dignidade de cada individualidade. Seu método é a descrição do processo de institucionalização de comportamentos individuais, a reconstrução normativa. Ou seja, a importância das relações intersubjetivas, ou das configurações interativas dos indivíduos, como criadora de uma moral comum (Honneth, 2009a; Sobottka & Saavedra, 2008; Rosenfield & Saavedra, 2015).

Honneth (2009a, 2009b) parte das três modalidades da liberdade: jurídica, moral, social. A liberdade social significa que os parceiros da interação realizam cada um as intenções do outro, ou seja, a repartição com equidade das liberdades individuais entre todos os membros da sociedade. Realiza uma «reconstrução normativa» destinada a determinar, através da evolução histórica de cada uma das esferas sociais: as relações pessoais (amizade, relações íntimas, família); a economia de mercado (mercado e moral, consumo, mercado de trabalho); a formação da vontade democrática (via pública democrática, Estado de Direito democrático, cultura política).

As patologias sociais expressam-se, entre outras formas, pela violência contra o corpo e pelo sofrimento, alertando a busca pelo poder emancipador da razão (Honneth, 2009b). Ou seja,

só é possível falar de uma enfermidade ou patologia social quando uma sociedade, em seus arranjos institucionais, fracassa numa das tarefas que ela própria se propôs dentro do circuito funcional de socialização, processamento da natureza e regulação das relações de reconhecimento de acordo com as convicções de valor que prevalecem nela (Honneth, 2015: 591).

Chegamos a duas questões instigantes. As práticas de violência seriam um fracasso da regulação das relações de reconhecimento, ou haveria uma “sociabilidade violenta” em curso? (Machado da Silva, 2008; Misse, 2006; Barreira, 2008) Os romances e a produção de séries e novelas atuais seriam a figuração de uma patologia social, ou estariam se convertendo na própria norma social da sociedade contemporânea? (Grossi Porto, 2010).

A violência tem sido identificada por vários Autores como constitutiva da história e da sociedade brasileira. O livro de Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling - *Brasil: uma biografia* de 2015 atualiza uma interpretação do Brasil na qual está marcada a violência. O desafio diz respeito à identidade nacional, marcada pela contradição entre o imaginário e a realidade. No imaginário, o país em geral aparece como um espaço idílico, de clima agradável, de natureza e valores exóticos, sem catástrofes naturais ou ódios declarados. Os brasileiros gostam de se definir como

um povo alegre, honesto, trabalhador e hospitaleiro, produto de uma civilização mestiça, colorida e plural. Na prática, o Brasil não é e nunca foi a terra da promessa e do eterno futuro.

A realidade que aparece no noticiário do dia a dia é violenta e desigual. As relações públicas e privadas são permeadas por um racismo silencioso e perverso. A corrupção persiste como um traço endêmico da esperteza e da falta de respeito pelos bens e interesses coletivos. Ou seja, a desigualdade social, o racismo, o “familismo” (o costume de transformar questões públicas em questões privadas, de são traços que remontam aos inícios do Brasil. Por outro lado, também a diversidade cultural, o processo de mestiçagem, e a luta para construir valores republicanos e cidadãos.

A obra *Brasil: uma biografia* traz descrições minuciosas da vida cotidiana dos escravos e do “tráfico de viventes”, que dizimou milhares de vidas, num esquecido e nem sequer nomeado Holocausto brasileiro. Tratava-se do modo de produção colonial:

Um sistema como o escravismo moderno só se enraíza com o exercício da violência. Da parte dos proprietários, a sanha contínua que visava à sujeição e obediência cegas para o trabalho. Da parte dos escravos, a reação se dava a partir de gradações que iam das pequenas insubordinações diárias e persistentes até as grandes revoltas e os quilombos (Schwarcz & Starling, 2015: 92).

O resultado é um projeto de cidadania inconcluso, uma república de valores falhados, um povo que não tem paciência para construir soluções de longo prazo, à espera de um golpe de sorte ou de um “salvador da pátria”, que proverá todos os benefícios esperados sem que se precise participar da política, debater, discutir: “...autoritarismo e personalismo foram sempre realidades fortes, a enfraquecer o exercício livre do poder público, a desestimular o fortalecimento das instituições e com isso a luta por direitos” (Schwarcz & Starling, 2015: 14).

Mas também sobre o cotidiano, a expressão artística e a cultura, as minorias, os ciclos econômicos e os conflitos sociais. A história que surge dessas páginas é a de um longo processo de embates e avanços sociais inconclusos, em que a construção falhada da cidadania, a herança contraditória da mestiçagem e a violência aparecem como traços persistentes.

Certa lógica e certa linguagem da violência trazem consigo uma determinação cultural profunda. Como se fosse um verdadeiro nó nacional, a violência está encravada na mais remota história do Brasil, país cuja vida social foi marcada pela escravidão. Fruto da nossa herança escravocrata, a trama dessa violência é comum a toda a sociedade, se espalhou pelo território nacional e foi assim naturalizada. Se a escravidão ficou no passado, sua história continua a se escrever no presente. A experiência de violência e dor se repõe, resiste e se dispersa na trajetória

do Brasil moderno, estilhaçada em milhares de modalidades de manifestação (Schwarcz & Starling, 2015: 14).

Uma heterogeneidade: idílico e infernal, alegre e violento, rural e urbano, negro, branco e mulato. O Brasil tem múltiplas faces que ora se encobrem, ora se revelam, ou melhor, são encobertas ou são reveladas por orgulho ou por vergonha. Mesmo que a Constituição de 1988 tenha sido chamada de *Constituição Cidadã*, seus efeitos na vida social tem sido muito diversos. No campo da segurança, há uma persistência do modo de segurança pública, herdeiro do modo de segurança nacional, sem que tenha se configurado plenamente o modo de segurança cidadã, ainda um projeto pleno de dificuldades, mas forte em tendências democráticas. Define-se o livro como uma obra aberta, indicando questões substantivas para uma agenda da sociedade brasileira, na perspectiva da democracia e da República. Podem então concluir: “A grande utopia quem sabe ainda seja acolhermos os valores que tem como direção a construção do que é público, do que é comum” (Schwarcz & Starling, 2015: 507).

Lilian Moritz Schwarcz, em livro recente, sintetiza a historicidade dos traços do autoritarismo brasileiro: escravidão e racismo; mandonismo; patrimonialismo; corrupção; desigualdade social; raça e gênero; intolerância; e violência (Schwarcz, 2019). A presença da violência na sociedade brasileira, em diversas modalidades, tem sido objeto de estudo há mais de um século nas ciências sociais brasileiras, desde os chamados “intérpretes do Brasil” até autores contemporâneos (Oliveira Vianna, Paulo Prado, Mário de Andrade, Gilberto Freire, Caio Prado Junior, Sérgio Buarque de Holanda, até Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Maria Isaura Pereira de Queiroz e José de Sousa Martins (Botelho, 2019; Tavares-dos-Santos, 2009).

Os impasses: estaria a sociedade brasileira revivendo o direito a orientação repressiva das sociedades simples, baseadas, dizia o sociólogo Emile Durkheim, na lei da vingança, em detrimento ao direito restitutivo das sociedades complexas? Estaríamos, diante do horror, abandonando a difícil construção do Estado de Direito, e, ao assumir a violência da vingança, suprimindo os muros morais entre a prisão e a liberdade?

## **2. O romance da violência**

Uma história social marcada pela violência e pelo autoritarismo facilita a emergência do romance da violência, um gênero distinto do romance policial. O romance policial no Brasil data do início do século XX (Albuquerque, 1979; Esteves, 2010; Ginzburg, 2012; Massi, 2011; Reimão, 2005; Schøllhamer, 2013; Silva, 1996; Silverman, 2000; Viegas *et al.*, 2016). Sua origem também foi o folhetim *O Mistério*, de Afrânio Peixoto, Viriato Correia, Medeiros e Albuquerque (sob o pseudônimo “&”) e Coelho Neto, publicado em 1920 (Albuquerque, 1979: 206). O romance é marcado pela ironia e por uma paródia do sistema judiciário e policial (Reimão, 2005: 15-18). O detetive era o

Major Mello Bandeira, investigador trapalhão, que sucumbe por amores a uma suspeita, suicidando-se depois. Medeiros e Albuquerque ainda publicaria dois livros de contos policiais: *O Assassinato do General em 1926*; *Se eu fosse Sherlock Holmes em 1932* (Albuquerque, 1979: 209). Estamos presenciando o romance do enigma, no qual o personagem central é um decifrador da realidade, como escrevia Fernando Pessoa em suas novelas policiárias<sup>5</sup>.

Seguiram-se alguns escritores, como Jerônimo Barbosa Monteiro (1909- 1970), que, sob o pseudônimo de Ronnie Wells, criou o detetive Dick Peter, protagonista de dez novelas, que puderam ser acompanhadas desde 1938. A ele, seguiram-se: Anibal Costa, a partir de 1940, com as aventuras do detetive Roberto Ricardo, em romances como *Roberto Ricardo no parque de diversões* e aquele intitulado *Um júri em família*. Depois veio Luiz Lopes Coelho, com o detetive Doutor Leite, com três volumes de contos: *A morte no envelope* (1957), *O homem que matava quadros* (1961) e *A ideia de matar Belina* (1968) (Albuquerque, 1979: 211). Outros tantos sucederam-se, com várias autoras mulheres: Lúcia Machado de Almeida com *O escaravelho do diabo* (1956); Sylvan Paezzo e seu João Juca, detetive carioca (Albuquerque, 1979: 211-218).

A escritora Maria Alice Barroso, autora de *Quem matou Pacífico* (1969), criou o detetive Tonico Arzão, que mescla à razão a intuição e o misticismo (Reimão, 2005: 21). Seguiram-se depois Fernando Whitaker da Cunha, *A viagem* (1970) e *Consciência e magia* (1974); Carlos de Souza, *Parada proibida* (1972); Atila de Andrade, *Os 13 suspeitos* (1974); W. Bariani Ortêncio, *Mortes sob encomenda* (1974) e *Estórias de crime e do detetive Waldir Lopes* (1980). Outros escritores publicaram contos policiais para o *Mistério Magazine* de Ellery Queen. Há, ainda, de Macedo Miranda, o *Abismo abismo* (1976); de Paulo de Medeiros e Albuquerque, *Uma ideia do Doutor Watson* (1977) (Albuquerque, 1979: 211-218). O escritor Carlos de Souza seria considerado um exemplo de autor do *roman noir* brasileiro, com o livro *Parada Proibida* (1972), pois a narrativa se passa no *bas-fond* carioca, temos a exploração da descrição dos atos violentos (Reimão, 2005: 28).

Uma perspicaz analista pôde concluir sobre a literatura policial no Brasil que, apesar de boa parte dos protagonistas da literatura policial brasileira ser, de alguma forma, policial, a crítica à polícia é uma constante nessa literatura (Reimão, 2005: 36). Karl Erik Schøllhamer realizou interessante análise da literatura brasileira atual, partindo da ideia de que o crime é central na modernidade (Schøllhamer, 2013: 13). O analista salienta a inauguração, por Rubem Fonseca, desde seus contos em *Os Prisioneiros*, de 1963, do brutalismo ou de um neorrealismo no qual os personagens não têm nenhum heroísmo, bandidos em uma nova ordem do crime. Porém, mesmo

---

<sup>5</sup> Pessoa, Fernando (2016). *Novelas policiarias*. Porto: Assírio & Alvim; Freitas, Ana Maria de (2016). *O fio e o labirinto: a ficção policial na obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: Colibri.

nessa simbolização da violência, às vezes aparece um resíduo romântico no sujeito, um mergulho na realidade sensível da cidade. É o caso do romance *O caso Morel* de Rubem Fonseca, em que é notada a presença da melancolia (Schøllhamer, 2013: 129, 133). Enfim, o romance introduz um segredo sem solução e sem alívio hermenêutico para o leitor (Schøllhamer, 2013: 138).

Jaime Ginzburg publicou um importante estudo sobre a violência articulada com formas literárias durante o Estado Novo e a Ditadura Militar, a fim de “contribuir com a narrativa de uma história da literatura brasileira sob a perspectiva da violência (...) [que] propõe a articulação das categorias autoritarismo, violência e melancolia como referenciais para sistematizar o estudo” (Ginzburg, 2012: 13). Ginzburg utiliza o conceito de antagonismos formais para dar conta de como o tema da violência e as formas literárias se articulam (Ginzburg, 2012: 135). Finalmente, Ginzburg encontra em Dalton Trevisan e em Rubem Fonseca contos nos quais os narradores são responsáveis por atos de violência, embora haja dificuldade de atribuir uma motivação clara aos atos violentos (Ginzburg, 2012: 450-451).

A produção mais recente de romance policial no Brasil provém de Tabajara Ruas com *A região submersa* (1981); de Glauco Rodrigues Correia com *Crime na baía sul* (1981) e *Assassinato de casal de velhos* (1985); de Luís Fernando Veríssimo, *Ed Mort e outras histórias* (1979), uma paródia de novela policial; de Joaquim Nogueira, o livro *Informações sobre a Vítima* (2002), *Vida pregressa* (2003) e *Homem ao mar* (2011); de Jô Soares, *O xangô de Baker Street* (1995); de Tony Belloto, *Bellini e a esfinge* (1995), *Bellini e o demônio* (1997), *Bellini e os espíritos* (2005) e *Bellini e o Labirinto* (2014).

O romance de violência no Brasil pode ser identificado em autores como Rubem Fonseca, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Patrícia Mello, entre outros, cuja novidade pode ser percebida pela transformação de sua estrutura narrativa, embora baseada na incorporação de algumas formas do romance de enigma e do romance policial. Seus territórios são as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo (Tavares-dos-Santos, 2020). A obra de Rubem Fonseca (1935-2020)<sup>6</sup> caracteriza-se por ser a expressão de um

---

<sup>6</sup> Nascido em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 11 de maio de 1925 e falecido em 15 de abril de 2020, Rubem Fonseca era formado em Direito, tendo exercido várias atividades antes de dedicar-se inteiramente à literatura. Em 31 de dezembro de 1952 iniciou sua carreira na polícia, como comissário, no 16.º Distrito Policial, em São Cristóvão, no Rio de Janeiro; foi exonerado em 06 de fevereiro de 1958. Foi fazer um curso nos Estados Unidos e estudou administração de empresas na New York University. Após sair da polícia, Rubem Fonseca trabalhou na Light até se dedicar integralmente à literatura. Teve três filhos. Obra completa: *Os prisioneiros* (Contos, 1963); *A coleira do cão* (contos, 1965). *Lúcia McCartney* (contos, 1967). *O caso Morel* (romance, 1973). *O homem de fevereiro ou março* (antologia, 1973). *Feliz Ano Novo* (contos, 1975). *O cobrador* (contos, 1979). *A grande arte* (romance, 1983). *Bufo & Spallanzani* (romance, 1985). *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (romance, 1988). *Agosto* (romance, 1990). *Romance negro e outras histórias* (contos, 1992). *O selvagem da ópera* (romance, 1994). *Contos reunidos* (contos, 1994). *O Buraco na parede* (contos, 1994). *Romance negro, Feliz ano novo e outras histórias* (contos, 1996). *Histórias de Amor* (contos, 1997). *Do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto* (novela, 1997). *Confraria dos Espadas* (contos, 1998). *O doente Molière* (novela, 2000). *Secreções, excreções e desatinos* (contos, 2001). *Pequenas criaturas* (contos, 2002). *Diário de um Fescenino* (contos, 2003). *64 Contos de*

realismo feroz, de um neorealismo violento ou de um brutalismo literário (cf. os críticos literários Bosi, 1999; Candido, 2007). Rubem Fonseca também faz referência a uma cultura literária universal e, mais de perto, no romance americano moderno, de Faulkner a Hemingway. Em seus contos e romances ele evoca uma centena de autores ocasionalmente citados, além de pintores e compositores. Rubem Fonseca começa a publicar no período da Ditadura Militar (1964-1985), tendo inclusive sido vítima da censura por seu livro *Feliz Ano Novo* (contos, 1975). Sua escrita é sombria e corajosa, cheia de violência e conteúdo sexual, o que acontece no dia a dia urbano. Ou seja, evidencia uma violência socialmente implantada, mesmo depois do autoritarismo político: evidencia um autoritarismo socialmente implantado (Pinheiro, 1977)

Temas e personagens costumam lidar com a violência sob a superfície da vida cotidiana, incluindo arte, sexo, violência e moral, bem como temas como esquadrões da morte, assassinos profissionais e assassinos disfarçados de homens de negócios. Combina o formato convencional de mistério com uma prosa direta e elegante. A figura do narrador é permanente em seus escritos. A narrativa, muito direta, é marcada por personagens que são criminosos e policiais, alguns corruptos, que revelam a vivência de crueldades, tipos sociais perversos. No derradeiro livro de contos - *Carne Crua* - (2018) permanecem a cruza de assassinatos, as traições, os amores impossíveis e as desigualdades sociais, com seus efeitos:

Era muito difícil arranjar qualquer atividade. Todo mundo dizia que o país estava atravessando uma crise muito grave, que o percentual de pessoas desempregadas subia diariamente. (...). Eu tinha duas escolhas: cometer suicídio ou tornar-me um ladrão, um assaltante. Escolhi ser assaltante. Minha vida era uma merda, mas eu não queria morrer. Estou me dando bem. Obturei os dentes. Comprei roupas. Comprei um revólver para assaltar também homens e mulheres de todas as idades. (...). Arranjei uma namorada. Aluguei outro apartamento no Leme. Gosto de ver o mar. Neste país os ladrões se dão bem, muito bem. (Rubem Fonseca, *Carne Crua*, 2018: 58-59).

Porém, aparecem histórias de amor, algumas de final feliz – *A praça, amor e outros prolegômenos*, *Desculpas esfarrapadas*, *Gosto de ver o mar*, *Grande Amor*, *Igreja Nossa Senhora da Penha* - outras marcadas pela fugacidade ou pelo tempo desfigurador das pessoas, e ainda o erotismo brutal. Ao longo da prosa, revelam-se algumas atualidades: a internet, e-mails, o celular, a computação em nuvem e o *WhatsApp*. O autor retoma as referências literárias e filosóficas: Shakespeare, Camões, Freud, Jung, Agatha Christie, Asimov, Fielding. Sempre há personagens femininos a dar aos contra heróis acolhida e amores. Porém, Rubem Fonseca assinala

---

Rubem Fonseca (contos, 2004). *Mandrake, a Bíblia e a bengala* (2005). *Ela e outras mulheres* (contos, 2006). *O romance morreu* (crônicas, 2007). *O Seminarista* (romance, 2009). *José* (romance, 2011). *Axilas e outras histórias indecorosas* (contos, 2011). *Amálgama* (contos, 2013). *Histórias Curtas* (contos, 2015). *Calibre 22* (contos, 2017). *Carne Crua* (contos, 2018).

as mudanças na posição da mulher: “A delegada é uma mulher, aliás, o chefe da polícia é uma mulher, as mulheres estão conseguindo posições de mando e de poder. Acho isso bom” (Rubem Fonseca, *Carne Crua*, 2018: 28). Reaparecem o matador profissional e o justiceiro (*Carne Crua*, 2018). Retorna, também, o brutalismo em várias faces:

Sempre gostei de comer carne crua. (...). Levei os corpos para dentro da casa e comi a carne dos dois. A carne de cachorro é deliciosa, mas a do ser humano, homem, mulher, criança, é mais ainda. Sei disso porque, ultimamente, é a única carne que como. Crua, é claro (Rubem Fonseca, *Carne Crua*, 2018: 31,33).

Muitos anos atrás, o escritor escrevia sobre as celebrações de fim de ano. Volta ao tema, novamente por um matador:

Odeio Natal, Ano-Novo, essas celebrações idiotas; (...). Vou contar: trabalhei matando gente, eu era assassino profissional. Nessa época do ano eu matava muito Papai Noel, na verdade, eu gostava de matar Papai Noel, matei muitos, muitos, mas eu já disse isso” (Rubem Fonseca, *Carne Crua*, 2018: 105).

Reaparecem em vários contos – a série completa chegaria a sessenta e quatro – os personagens e temas de Rubem Fonseca: assassinos, matadores de aluguel, mortes por vingança, ressentimento das desigualdades sociais, traições ou mortes sem motivo. O falso e o verdadeiro, ambivalências a povoar a condição e a mente humana.

O conjunto de romances de Luiz Alfredo Garcia-Roza (1936-2020)<sup>7</sup> está localizado na cidade do Rio de Janeiro, em algumas áreas: no centro, na Lapa, em Copacabana, nos bairros Peixoto e Leme. Publica sua obra romanesca (además de seus livros sobre teoria psicanalítica) entre 1996 e 2019, ou seja, no contexto da nova democracia brasileira (1985-2016), vindo a expressar a violência na vida cotidiana.

Percorre o submundo da *Cidade Maravilhosa*, povoada por moradores de galerias de águas pluviais e de esgoto, órfãos, travestis, moradores de rua e criminosos que

---

<sup>7</sup> Luiz Alfredo Garcia Roza (Rio de Janeiro, 1936-2020) foi professor universitário na Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor de vários livros sobre teoria psicanalítica. Sua estreia na literatura ficcional com *O Silêncio da Chuva* (1996) rendeu-lhe o Prêmio Jabuti. Escreveu os seguintes romances: Garcia-Roza, Luiz Alfredo (1996). *o silêncio da chuva*. São Paulo: Companhia das Letras; Luiz Alfredo Garcia-Roza, Luiz Alfredo (1998). *Achados e Perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras. Garcia-Roza, Luiz Alfredo (1999). *Vento Sudoeste*. São Paulo: Companhia das Letras. Garcia-Roza, Luiz Alfredo (2001). *Uma Janela em Copacabana*. São Paulo: Companhia das Letras. Garcia-Roza, Luiz Alfredo (2003). *Perseguido*. São Paulo: Companhia das Letras. Garcia-Roza, Luiz Alfredo (2005). *Berenice procura*. São Paulo, Companhia das Letras. Garcia-Roza, Luiz Alfredo (2006). *Espinosa sem Saída*. São Paulo: Companhia das Letras. Garcia-Roza, Luiz Alfredo (2007). *Na Multidão*. São Paulo: Companhia das Letras. Garcia-Roza, Luiz Alfredo (2009). *Céu de Origamis*. São Paulo: Companhia das Letras. Garcia-Roza, Luiz Alfredo (2012). *Fantasma*. São Paulo: Companhia das Letras. Garcia-Roza, Luiz Alfredo (2014). *Um lugar perigoso*. São Paulo: Companhia das Letras. Garcia-Roza, Luiz Alfredo (2019). *A última mulher*. São Paulo: Companhia das Letras.

vivem roubando turistas. O enredo dos romances é marcado por conflitos psicológicos, mortes e potenciais assassinos. O narrador é o inspetor Espinosa, chefe da 12.<sup>a</sup> Delegacia de Polícia do Rio de Janeiro, localizada em Copacabana, Zona Sul da cidade. Muitas vezes, no meio das tramas, o cacique Espinosa tenta separar o real do fantástico, tendo como guia apenas a convicção de que a morte não é uma farsa. Nem é possível concluir claramente se algumas pessoas morreram de morte natural ou foram mortas. O autor reconstitui as motivações da mente e seu esforço para reescrever o passado, identificando as circunstâncias, às vezes fortuitas, que configuram um assassino. Nos vários romances há uma reflexão sobre as relações familiares, a culpa e a solidão. O narrador pergunta: como saber? Nesta vida, o que é a realidade e o que está acontecendo no mundo dos sonhos?

As novelas de Garcia-Roza revelam o crime como potência interna ao próprio homem. Aparecem, então, os paradoxos da polícia: de um lado, Espinoza e seus policiais procedimentais; de outro, a corrupção e a banda podre, um grupo de policiais corruptos e traficantes. São as ambivalências do policial. Por consequência, a crise de legitimidade da polícia. Nos romances de Garcia-Roza, aparece uma antinomia entre razão e imaginação, o trabalhar com indícios ou a fantasia. Portanto, a imaginação começa a ocupar um lugar central no relato. A outra antinomia é entre razão e desrazão.

Seu último romance, *A última mulher* (2019), traz o personagem Ratto, um cafetão da Lapa, no Rio de Janeiro, que, acompanhado de seu sócio, Japa, consegue tirar uma pequena fortuna todo mês. Quando um violento policial resolve chantageá-lo, querendo abocanhar parte do quinhão, Ratto precisa desaparecer dali e arranjar um jeito de sobreviver. Refugiado em Copacabana, ele conhece Rita, uma prostituta jovem e muito inteligente que vira sua protegida: “Ela era observadora, estava sempre atenta a quem se aproximava, e tinha uma inteligência que o surpreendia. Sem que Ratto pedisse, ela começou a tomar conta de seu corpo e de seus afetos” (Garcia-Roza, *A última mulher*, 2019: 10). Outros personagens são Zilda, Japa, o policial corrupto Wallace, o investigador Welber, o delegado Rodrigues e o delegado Espinosa:

Espinosa terminou de tomar o café da manhã e desceu os três lances de escada que separavam seu apartamento da portaria do edifício no bairro Peixoto. Pequeno enclave no centro de Copacabana, o bairro Peixoto parecia uma cidade medieval com suas construções em círculo formando uma muralha ao redor da pracinha onde as crianças brincavam (Garcia-Roza, *A última mulher*, 2019: 39).

O delegado Espinosa, que conhece Ratto dos seus tempos de inspetor da 1.<sup>a</sup> Delegação Policial, no Centro, é forçado a entrar no caso quando começam a surgir mulheres mortas – Morena, Silvia, Sueli, Zilda - com crueldade. Também Ratto foi encontrado morto. Auxiliado pelos inspetores Welber e Ramiro, Espinosa precisa

entender quem é a mente por trás de crimes tão brutais para impedir que Rita seja a próxima vítima. Ou seria ela a assassina?

O romance policial, desde o século XIX, foi marcado pelo desvelamento de um enigma inicial, geralmente um assassinato nas primeiras páginas do relato. Entretanto, o final da narrativa nos romances de Garcia-Roza é marcado somente pela solução parcial do enigma. Por vezes, o assassino é descoberto; porém, mais frequente é a confissão do assassino ou sua identificação por Espinoza, porém a culpa do assassino sempre permanece em aberto: ou morre ou se suicida ou tem um surto psicótico. Ou seja, muitas vezes os enigmas permanecem inconclusos. O epílogo permanece em aberto na obra romanesca de Garcia-Roza.

Os romances de Patrícia Melo (1962-)<sup>8</sup> seguem o mesmo tema, tendo sido publicados desde 1994 até o presente. Novamente, é um contexto de violência incrustada na vida social, trazendo personagens do tráfico de drogas, jovens que matam e são assassinados, reproduzindo o cenário urbano no qual a morte mostra-se quase inevitável. Mas, pouco a pouco, introduz a temática da violência contra a mulher e o feminicídio, cristalizando um momento no qual o negacionismo dos direitos sociais difusos se expande na sociedade brasileira. Seu último livro, *Mulheres Empilhadas* (2020) conta a história de uma jovem advogada paulista que, após o fim de um relacionamento abusivo, concorda em passar uma temporada no Acre, no extremo norte do Brasil, para acompanhar um grupo de trabalho que se encarrega de julgar casos de mulheres assassinadas, muitas vezes por homens conhecidos como maridos, namorados, pais, tios e avós.

Chocada com a violência que a cerca, a protagonista se encontra inserida em uma cultura onde a impunidade é praticamente imposta como lei. Ao descobrir os rituais ancestrais dos povos indígenas da Amazônia, seu pensamento começa a ir e vir no tempo, misturando realidade e pesadelo, passando da razão à ilusão. No processo, sua busca pessoal acaba alimentando outras tragédias, das quais ele só pode resgatar seu próprio enigma. Intercalada com a narrativa principal, com tom realista, Patrícia Melo constrói capítulos oníricos. Neles, a narrativa é inspirada na lenda das icamiabas, tribo de guerreiros amazônicos que lutam contra a opressão masculina. Nesse mundo imaginário, o advogado e as icamiabas se unem em uma sociedade de mulheres que

---

<sup>8</sup> Patrícia Melo, dramaturga, roteirista e escritora, vive na Suíça. Publicou os seguintes títulos de ficção: Melo, Patrícia (2009 [1994]). *Acqua toffana*. Rio de Janeiro: Rocco. Melo, Patrícia (2009 [1995]) *O matador*. Rio de Janeiro: Rocco. Melo, Patrícia (2000). *Inferno*. Rio de Janeiro: Rocco. Melo, Patrícia (2003) *Valsa Negra*. São Paulo, Companhia das Letras. Melo, Patrícia (2006). *Mundo Perdido*. São Paulo, Companhia das Letras. Melo, Patrícia (2006). *Jonas, o Copromanta*. São Paulo, Companhia das Letras. Melo, Patrícia (2010). *Ladrão de Cadáveres*. Rio de Janeiro: Rocco. Melo, Patrícia (2010) *Elogio da Mentira*. Rio de Janeiro: Rocco. Melo, Patrícia (2014); *Fogo-Fátuo*. Rio de Janeiro: Rocco. Melo, Patrícia (2017). *Gog Magog*. Rio de Janeiro: Rocco. Melo, Patrícia (2019). *Mulheres empilhadas*. São Paulo: LeYa.

perseguem, julgam e matam os assassinos de mulheres que escapam da justiça na vida real.

No romance da violência, a trama inclui mais do que um único assassinato. Ao longo dos capítulos, os autores apresentam uma série de assassinatos, torturas e esquitejamentos. O conflito social se desloca para o centro da figuração literária. Há uma variedade de outros personagens, além do detetive ou dos policiais. No romance da violência há mais de um detetive, e por vezes vários culpados. Na novela da violência, as personagens são marcadas pela ambiguidade: temos, então, um contra herói problemático, em um mundo de vínculos entre o lícito e o ilícito, um emaranhado de ordem e de desordem: as motivações da ação são o dinheiro, o poder e o sexo.

Existe, seguidamente, uma morte anunciada, vidas abreviadas em espiral de vinganças. Os personagens das organizações criminosas que exercem uma dominação brutal são invisíveis. O detetive emerge como um ser falível, às vezes em conluio com a violência. Os mortos aparecem reiteradamente, inclusive surge o corpo torturado. Em outras palavras, há uma série de outros personagens: o detetive, o policial detetive; os políticos; membros de gangues, assassinos masculinos e femininos, pistoleiros (sicários) e membros do crime organizado. Também aparece uma massa difusa de classes populares, pessoas pobres ou de classe baixa, às vezes vivendo em bairros populares, favelas ou desabrigados, moradores de rua. O nome das personagens é elíptico, tardio ou inexistente: um contra herói problemático e anônimo.

Atualmente, no romance da violência, a mulher é ambígua, ora vítima, ora poderosa, inclusive no narcotráfico. Há a presença de personagens femininas ou como vítimas ou como dirigentes de atividades ilegais. Tanto aparece o assassino amador, que mata por razões passionais, às vezes em um acerto de contas ou em um ato de feminicídio, ou o matador por encomenda, vinculado a negócios ilícitos. E os policiais desenvolvem, por vezes, relações de cumplicidade com os criminosos. Entre os personagens desenvolve-se um processo de socialização pela violência, a qual torna-se um eixo da vida cotidiana: alguns nascem em um bairro pobre, são subnutridos, logo deixam a escola, começam a usar drogas, tornando-se logo o alvo das batidas policiais e depois passam pela prisão. Outros, de classe média, desenvolvem estratégias na vida cotidiana para contornar os atos de violência, alterando horários, trajetos e lugares. Nesta socialização da violência, para a vida e para um destino, parece reduzir-se o lugar da fantasia em troca de um imediatismo, sobreviver pelo crime ou sobreviver ao crime. Há agentes de poderes macro e micro, os capitalistas e os políticos, exercendo seu poder seguindo as regras do mercado, da corrupção e da brutalidade.

No romance da violência, o amor está sempre presente, encontramos uma aventura amorosa, fugaz, porém cálida. Há mulheres excepcionais, inteligentes, belas e sedutoras; e, ainda, a presença da homossexualidade feminina. Há um envolvimento das personagens em novas tramas: os narcos desenvolvem relações amorosas com mulheres oriundas das elites, o que revela ao mesmo tempo a interpenetração dos dois grupos e uma gentrificação dos narcotraficantes. A trama inclui várias mortes, nem sempre sendo o autor um dos personagens principais; ao longo dos capítulos, os autores apresentam uma série de assassinatos. A novidade são os corpos torturados, uma evidência do corpo dilacerado e da violência brutal, uma mimese da vida social na modernidade tardia. O ato do crime aparece, mas uma crueldade em ato, embora, em algumas vezes, seja um crime por encomenda – pistoleiros, sicários.

Subsiste muita violência sexual, estupros de mulheres disseminados e quase sempre impunes, uma expressão de uma relação de poder por humilhação. Os personagens exercem uma violência brutalizada, com um componente de ressentimento. Nos romances da violência surgem novas formas de violência social: a reiteração do crime violento, traficantes internacionais, violência sexual, estupro de mulheres quase sempre impunes, corrupção, tortura e assassinato. Identifica-se a repetição de alguns traços desta nova forma romanesca: a violência difusa, a violência criminal, a crueldade, o dilaceramento do corpo, o tráfico de drogas, de armas e de pessoas; a violência de gênero. E ressurge a violência política em várias sociedades. Trata-se de um mundo sem lei, seja pela ineficácia ou ausência da polícia ou do judiciário, seja pela não constituição nos sujeitos de uma autoridade legítima como fruto de uma socialização precária.

A conceção de tempo, no romance da violência, é a incerteza e a precariedade, uma saturação de um tempo presente. Os romances expressam um destino trágico, um eterno presente que não tem nenhuma possibilidade de futuro. Todos os personagens se apresentam sem esperança: os romances expressam um drama social, um eterno presente sem possibilidades de futuro. Por vezes, nem detetive há, e os criminosos são vários, ou gente comum ou pertencente a organizações criminosas. No romance da violência, ou não ocorre a solução do enigma, sem identificação do culpado (Garcia-Roza) ou o próprio enigma se esvanece, permanecendo latente na narrativa (Rubem Fonseca). Permanece a conflitualidade que agora vai esfumar-se em uma narrativa de enigma permanente.

O romance da violência, em suma, compõe-se de uma série de antinomias e ambivalências: policial honesto/desonesto; policial procedimental/ violento; contra herói trágico/niilista; profissionais liberais/população em situação de rua; cidade maravilhosa/partida; gastronomia popular/média; enigma solucionado/latente; amor intenso/fingido; razão/imaginação; e razão/desrazão. Esses romances mostram uma racionalidade específica da modernidade tardia, que inclui o mapeamento cognitivo

da microfísica da violência. O eixo da narrativa seria a presença da violência, física e simbólica, nas relações sociais. O personagem do *herói problemático* sai de cena e seu lugar é ocupado pela dissolução dos personagens: o personagem do anti-herói pode ser analisado como uma forma de rebelião que coloca o conflito social no centro da figuração literária.

O espaço é o das grandes cidades brasileiras, cidades fragmentadas entre bairros e setores ricos, com centros degradados. O caminho da narrativa coloca menos lógica e mais ação física. O enredo apresenta uma série de assassinatos. Também apresenta tortura, desmembramento e violência brutal. O corpo dilacerado é o efeito político da violência, e o pistoleiro um personagem presente, diferente dos bandidos de outrora. Você pode ver os poderes macro e micro em ação, dos capitalistas e políticos. A classe dominante no Brasil tende a exercer seu poder, além das relações econômicas e políticas, por meio da clientela. O romance está inserido na política. Mas, é um olhar do criminoso, como se não houvesse outro meio de fazer política, sem recorrer à violência como meio de regular as relações sociais. Da mesma forma, as regras de brutalidade e corrupção estão presentes; a violência é a norma que rege as relações sociais. Os valores mais recorrentes identificados nas narrativas são dinheiro, poder e sexo, em uma sociedade de mercado competitivo.

Em síntese, se nos romances policiais e no *roman noir* o enigma foi resolvido; em vez disso, no romance da violência o enigma não foi resolvido, permanece aberto ou desaparece. Essas narrativas românticas expressam um destino social trágico, um eterno presente que não tem possibilidade de futuro, os personagens não têm esperança. Muitas vezes, apenas o amor impossível e desesperado, depois de um dia difícil, poderia continuar a dar sentido à dignidade humana. Os romances de violência expressam de alguma forma uma mimese da cultura da violência no Brasil (Tavares-dos-Santos, 2020).

### **3. Vingança e violência**

Configura-se, pelo recurso à violência e pelo mito da vingança, o romance da violência como tragédia da modernidade tardia, na qual o destino faz parte do mundo social, enunciado como o mito da vingança cuja expressão é a cultura da violência. Ao mesmo tempo, pela referência inversa a traços da tragédia shakespeariana, reaparece o amor desesperado que talvez seja, no vazio da política, uma busca prometeica de uma vontade de viver. O mito da vingança constitui o orientador das ações sociais no mundo figurado nas páginas e telas. Desde Barthes, sabemos que “o mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem, “um modo de significação, uma forma”, que tem limites históricos e está reinvestido em uma sociedade (Barthes, 1957: 131). O mito compõe-se de um significante, de um significado e de um signo. Por conseguinte, “não existe nenhuma rigidez nos conceitos míticos: podem construir-se, alterar-se, desfazer-se, desaparecer completamente” (Barthes, 1957:

142). Isto significa que “o mundo fornece ao mito um real histórico e o que omito restitui “é uma imagem natural deste real”, naturalizado (Barthes, 1957: 163).

Também sobre a vingança, escrevia Emile Durkheim:

Com efeito, é um erro acreditar que a vingança seja apenas uma inútil crueldade. (...). Ela constitui, portanto, na realidade, um verdadeiro ato de defesa, se bem que instintivo e irrefletido. Nós só nos vingamos daquilo que nos fez mal, e o que nos fez mal é sempre um perigo. O instinto de vingança é em suma o instinto de conservação exasperado pelo perigo. (...). É uma arma defensiva que tem seu preço; unicamente, é uma arma grosseira (Durkheim, 1967: 54).

Estamos face a sanções restitutivas, mesmo que se refira a outro tipo de solidariedade social ou de relações sociais. Enfim, as regras restitutivas, incluindo a vingança, determinam relações da coisa com a pessoa, das pessoas entre si, entre funções econômicas e sociais difusas. Nesse quadro, um conjunto de ressignificações e inversões estão operando. Ao contrário da lei e ordem, os fora-da-lei impõem a desordem da violência e da vingança como a norma. A mulher não é mais apenas protagonista de relações sexualizadas, mais erotizadas do que sensuais, assumindo posições de poder. Mas, em alguns momentos, deixa de ser a “mulher fatal” para ser a capisa das organizações criminais.

Alguns espaços sociais, como a capela e a cela, assumem um lugar de negociações entre agentes da lei e agentes dos ilegalismos. Os corpos deixam a elegância das sedes para ostentarem signos tatuados e serem objetos de uma sexualidade patriarcal. O raciocínio indutivo cede ao culto à arma. O espaço de sociações realiza-se pelo cartel, pela gangue ou pelo clube. Os enfrentamentos nos territórios urbanos estão orientados pelo racismo, pelas organizações dos prisioneiros, pela pornografia e pela vingança mortal. O apelo à família também parece ser uma retração utópica conservadora, uma configuração de um poder tradicional, carismático e venal.

Na sociedade atual, realiza-se uma fragmentação do espaço social entre os incluídos e os excluídos. Está sendo produzido um processo de estranhamento do outro. Ou seja, um grupo social estigmatiza outro grupo, retomando algumas das categorias distintivas deste grupo e as tornando absolutas. Em seguida, estabelece a separação deste grupo, o desconhece ou anula sua presença, negando, portanto, o que seria a melhor característica do processo civilizatório, o reconhecimento da diferença, a vivência da alteridade social. As diferentes trajetórias sociais no campo do controle social definem um campo de forças, um campo de lutas e um campo intelectual (Bourdieu, 2015). As forças sociais que estão a vivenciar uma luta contra o controle social penal podem ser identificadas em dois planos. O primeiro está constituído pelas linhas de fraturas: a emergência de lutas sociais contra a violência expressa possibilidades de uma governamentalidade fundada na sociedade civil e na

construção social da cidadania, que busca a reconstrução de relações de sociabilidade mediante outras bases de solidariedade.

Resta uma outra luta, no vazio da política e no desencanto da democracia representativa, que está contida nas páginas dos romances da violência e nas telas coloridas. Reaparece a velha sociedade brasileira:

historicamente marcada por valores e práticas sociais e culturais autoritários de socialização e de orientação das condutas, de afirmação das hierarquias nas mais diferentes relações sociais e de reiteração das desigualdades (Botelho, 2019:18).

Em contrapartida, o recurso ao desejo, como mimese da política, aparece em vários autores da Sociologia contemporânea, reaparecendo um discurso amoroso, fragmentário e expressivo. Seria a retomada do desejo e do afeto como possível afirmação da dignidade humana, superando as diversas formas de violência na contemporaneidade. Vários exemplos são possíveis. A vinculação de Foucault (1975) com os grupos de prisioneiros, contra o franquismo ou pelas práticas de si enquanto um outro sujeito pós-cartesiano. O compromisso político de Florestan Fernandes e de Octávio Ianni com o Parlamento e a luta pela democracia. A reconversão zapatista de Pablo Gonzalez Casanova. E o engajamento político de Pierre Bourdieu com a *miséria do mundo*, os deserdados pelo neoliberalismo, afirmando um *estruturalismo heroico* (Fabiani, 2016). Enfim, a busca planetária de uma ecologia de saberes plasmada pela emancipação nas *epistemologias do Sul* de Boaventura de Sousa Santos (Meneses & Sousa Santos, 2018)..

No romance da violência encontramos personagens de uma patologia social ou enfermidade social, segundo Honneth (2015). Em sua obra, ele parte das experiências de desconsideração, desconhecimento, de desprezo e de injustiça. Por outro lado, reconhece os combates e as lutas sociais pelo reconhecimento. Analisa a sociedade contemporânea como movida pelas lutas visando o reconhecimento pelo outro da especificidade e da dignidade de cada individualidade. Seu método é a descrição do processo de institucionalização de comportamentos individuais, a reconstrução normativa. As patologias sociais expressam-se, entre outras formas, pela violência contra o corpo e pelo sofrimento, alertando a busca pelo poder emancipador da razão.

A sociedade contemporânea presencia a negação da alteridade, mediante um processo de negação do outro - classe, gênero, etnia, orientação sexual, grupo etário ou grupo cultural. A expansão das práticas de violência simbólica e física, expressa pela violência letal, sexual e pelo esgarçamento, denota uma crise das instituições e dos valores, falindo a autoridade legítima. Na sociedade atual, realiza-se uma fragmentação do espaço social entre os incluídos e os excluídos. Está sendo produzido um processo de estranhamento do outro. Ou seja, um grupo social

estigmatiza outro grupo, retomando algumas das categorias distintivas deste grupo e as tornando absolutas. Em seguida, estabelece a separação deste grupo, o desconhece ou anula sua presença, negando, portanto, o que seria a melhor característica do processo civilizatório, o reconhecimento da diferença, a vivência da alteridade social.

Vivenciamos a sociedade normalizadora e regulatória, efeito de tecnologias de poder centradas na vida, de um Estado orientado para o “controle social penal”, com um processo de criminalização dos pequenos ilegalismos e dos movimentos sociais. Tal processo de dissolução das estruturas do bem estar social resultou em uma ruptura dos controles sociais, formais e informais, substituídos na esfera da socialização pelos meios de comunicação. Como resolver o paradoxo entre o controle social repressivo e o controle social democrático?

Temos que perceber a constituição de um campo do controle social, no qual diferentes agentes estão posicionados: os delinquentes, os narcotraficantes e as associações criminais; os agentes do sistema de justiça criminal; os policiais; as elites políticas e econômicas; a indústria cultural, pelos romances e emissões de televisão; e os grupos da sociedade civil que se posicionam por um modelo alternativo de controle social. Aparecem, ainda, as tomadas de posição pela cultura da violência ou pela cultura da paz.

Ao mesmo tempo, observa-se a emergência de um novo imaginário sobre o controle social, informal e formal. Significa uma forma de convivência social orientada pela tolerância, pela proteção social e pela eficiência policial frente ao crime; pela complementação de políticas sociais e políticas de segurança pública; pela preservação do direito à segurança dos cidadãos e cidadãs.

Esta tomada de posição assegura a punição dos atos delitivos, mas possibilitando a ressocialização daqueles que cometeram crimes, assim como o respeito ao direito das vítimas. Salienta que existem inúmeros outros fatores envolvidos, como as origens sociais da violência, em termos dos efeitos da violência estrutural decorrente de políticas econômicas que produzem exclusão social, ou as violências interpessoais e as várias violências domésticas. Se reparar a ofensa à consciência coletiva implica a punição, deve-se discutir as diferentes formas de pena, a fim de assegurar a reintegração social e evitar a reincidência, quebrando o ciclo perverso da criminalidade.

#### **4. Conclusão: a violência e as lutas simbólicas**

A questão da violência difusa passa por processos de legitimação: há uma cultura da violência que autoriza os atos de violência física. Vários são os exemplos: violência doméstica, violência sexual, castigo corporal das crianças e de idosos, a espetacularização da violência pelos meios de comunicação, a violência policial e a

violência como norma nas organizações criminosas. A música popular, em alguns países, traz uma exaltação de personalidades do crime organizado (por exemplo, Los Tigres del Norte, no México). Mencionamos, anteriormente, que existe um novo gênero literário, o romance da violência. Em suma, vivemos um tempo de incertezas marcado por uma sociabilidade violenta e por uma cultura da violência, mas também por um poder criminal ligado ao narco-capitalismo (Saviano, 2014).

A sociedade contemporânea presencia a negação da alteridade, mediante um processo de negação do outro - classe, gênero, etnia, orientação sexual, grupo etário ou grupo cultural. A expansão das práticas de violência simbólica e física, expressa pela violência letal, sexual e pelo esquiteamento, denota uma crise das instituições e dos valores, falindo a autoridade legítima. Na sociedade atual, realiza-se uma fragmentação do espaço social entre os incluídos e os excluídos. Vivenciamos a sociedade normalizadora e regulatória, efeito de tecnologias de poder centradas na vida, de um Estado orientado para o “controle social penal”, com um processo de criminalização dos pequenos ilegalismos e dos movimentos sociais. Tal processo de dissolução das estruturas do bem estar social resultou em uma ruptura dos controles sociais, formais e informais, substituídos na esfera da socialização pelos meios de comunicação. Como resolver o paradoxo entre o controle social repressivo e o controle social democrático?

Ao mesmo tempo, observa-se a emergência de um novo imaginário sobre o controle social, informal e formal. Significa uma forma de convivência social orientada pela tolerância, pela proteção social e pela eficiência policial frente ao crime; pela complementação de políticas sociais e políticas de segurança pública; pela preservação do direito à segurança dos cidadãos e cidadãs. Outra forma de luta está contida nas páginas dos romances da violência. Neles restaria um traço do humano: ao final da jornada, em um espaço social lacerado, a construção de afeto seria possível, mesmo em uma busca de um amor desesperado. Podemos encontrar, na diferença entre os autores, a presença do afeto como possível afirmação da dignidade humana, superando as diversas formas de violência na contemporaneidade de dois continentes.

Gramsci (1968) escrevia que a novela de detetive significava a *mortificação da aventura* (Tavares-dos-Santos, 2020); Hobsbawm afirmava que “celebrava um mundo de certeza moral e social, de estabilidade restaurada depois de uma interrupção temporária” (Hobsbawm, 2013:192). Atualmente, o romance da violência e as emissões de televisão focadas no narcotráfico, com sua miríade de assassinatos e de torturas, podem significar a mortificação da vida e a incerteza social constitutiva de perplexidades. A partir desta análise de figuras literárias, podemos sugerir a existência de uma representação romanesca na sociedade contemporânea baseada na violência como norma social e expressão de uma cultura da violência socialmente legitimada.

A tarefa consiste na construção de uma opinião pública crítica, informada, reflexiva. Como reduzir a enorme desigualdade social? Como aumentar os programas de prevenção da violência? Como realizar programas sociais para os jovens, evitando sua absorção pelos atrativos do tráfico de armas e de drogas? Como melhorar a eficiência investigativa das polícias para que cumpram com eficácia sua função de pacificar a sociedade? Como desenvolver penas alternativas e superar a morosidade do judiciário e da execução penal para reduzir a superpopulação das cadeias? Como controlar as lideranças do “crime organizado” e a expansão de seus poderes, dentro e fora das prisões? (Tavares-dos-Santos, 2020). No espaço social contemporâneo, o autoritarismo e a violência se inserem em um campo de forças e de lutas, de práticas e de figurações, cujo desfecho vai moldar as faces da vida social, e da democracia, no futuro.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adorno, Theodor W. (2017) [1950]. *Études sur la personnalité autoritaire*. Paris: ALLIA.
- Albuquerque, Paulo de Medeiros (1979). *O mundo emocionante do romance policial*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Auerbach, Erich (2007). *Mimesis*. São Paulo, Perspectiva..
- Barreira, César (2008). *Cotidiano despedaçado: cenas de uma violência difusa*. Campinas: Pontes.
- Barthes, Roland (1957). *Mythologies*. Paris: Seuil.
- Bakhtin, Mikhail (1993). *Questões de literatura e de estética*. São Paulo, Hucitec.
- Botelho, André (2019). *O retorno da sociedade: política e interpretações do Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, Pierre (2015). *Sociologie générale Volume 1*. Paris: Raisons d’Agir/Seuil.
- Durkheim, Emile (1967) [1893]. *De la división du travail social*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Esteves, Antônio R. (2010). *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Fabiani, Jean-Louis (2016). *Pierre Bourdieu: un structuralisme heroïque*. Paris: Seuil.
- Ginzburg, Jaime (2012). *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp.
- Goldmann, Lucien (1990) [1964]. *A sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Grossi-Porto, Maria Stela (2010). *Sociologia da violência: do conceito às representações sociais*. Brasília: Francis.
- Gramsci, Antonio (1968). *Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Hobsbawm, Eric (2013). *Tempos fraturados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- Honneth, Axel (2009a). *Crítica del agravio moral – Patologías de la sociedad contemporánea*. Buenos Aires: FCE.
- Honneth, Axel (2009b). *Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34.
- Honneth, Axel (2015). As enfermidades da sociedade: Aproximação a um conceito quase impossível. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 15 (4), 575-594.
- Lukács, Georg (2000) [1920]. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades.
- Machado da Silva, Luiz Antonio (Org.) (2008). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Massi, Fernanda. (2011). *O romance policial do século XXI: manutenção, transgressão e inovação do gênero*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Meneses, Maria Paula & Sousa Santos, Boaventura de (2018). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.
- Misse, Michel (2006). *Crime e violência no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris.
- Pessoa, Fernando (2016). *Novelas policiais*. Porto: Assírio & Alvim.
- Pinheiro, Paulo Sérgio (Coord.) (1977). *O Estado na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Reimão, Sandra (2005). *Literatura policial brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Rosenfield, Cinara L. & Saavedra, Giovani Agostini (2015). Reconhecimento, teoria crítica e sociedade: sobre desenvolvimento da obra de Axel Honneth e os desafios da sua aplicação no Brasil. *Sociologias*, ano 15, n. 33, maio/agosto, 14-54.
- Saviano, Roberto (2014). *CeroCeroCero: como la cocaína gobierna el mundo*. Barcelona: Anagrama.
- Schøllhamer, Karl Erik (2013). *Cena do crime: violência e realismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Schwarcz, Lilia Moritz & Starling, Heloisa Murgel (2015). *Brasil: uma biografia*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Schwarcz, Lilia Moritz (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, Dionísio da (1996). *Rubem Fonseca: proibido e consagrado*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Silverman, Malcolm (2000). *Protesto e o novo romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sobottka, Emil Albert & Saavedra, Giovani Agostini (2008). Introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth. *Civitas - Revista De Ciências Sociais*, 8(1), 9-18.
- Tavares-dos-Santos, José Vicente (2009). *Violência e conflitualidades*. Porto Alegre, TOMO.
- Tavares-dos-Santos, José Vicente (2020). *O romance da violência: sociologia das metamorfoses do romance policial*. Porto Alegre, TOMO.
- Viegas, Ana Cristina Coutinho, Pontes Jr, Geraldo & Marques, Jorge Luiz (Orgs.) (2016). *Configurações da narrativa policial*. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações.

**José Vicente Tavares dos Santos.** Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docteur d'Etat pela Universidade Paris-Nanterre. Pós-Doutor pela Universidade de Cambridge. Professor Titular do Departamento de Sociologia e dos Programas de Pós-Graduação em Segurança Cidadã, Sociologia e Políticas Públicas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Av. Bento Gonçalves, 9500, Prédio 43.322 (ILEA), Bairro Agronomia CEP 91509-900 Porto Alegre, RS Brasil. E-mail: josevtavares@gmail.com. ORCID: 0000-0001-8410-5085.

Receção: 10-12-2020

Aprovação: 01-03-2021

#### Citação:

Santos, José Vicente Tavares dos (2021). O romance e a cultura da violência. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 4(1), pp. 30-50. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav4n1/a2